

# **FLUXO CONTÍNUO**



# PÓS-MODERNIDADE E IDENTIDADES SEXUAIS: O PROCESSO DE AUTOAFIRMAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO GRUPO LGBTQIA+

Alzira Lobo de Arruda Campos<sup>1</sup>  
Patrícia Margarida Farias Coelho<sup>2</sup>  
Vinícius Ferreira Lima<sup>3</sup>

## RESUMO

Esta análise procura contribuir com as recentes abordagens sobre identidades sexuais, motivadas pela exaustão de modelos tradicionais heteronormativos e binários. A Parada do Orgulho Gay de São Paulo é tomada como exemplo do movimento de luta de identidades alternativas para a cidadania. A hipótese adotada é a de que, apesar da quebra de paradigmas tradicionais, os indivíduos LGBTQIA+ ainda estão em luta para a afirmação de seus direitos à igualdade. Como objetivo geral, abordam-se as noções de identidades sexuais, nas vertentes de Hall (2011) e Cuche (1999). Figuram, na categoria de objetivos específicos: (i) relacionar identidades sexuais e poder; (ii) verificar as visões históricas do sujeito homossexual; (iii) identificar os limites conceituais de hetero e auto-identidade na vida de pessoas homo-normativas. Os resultados alcançados vão ao encontro da hipótese levantada, evidenciando que, apesar de um avanço significativo no campo dos direitos, as práticas sociais continuam a discriminar a comunidade LGBTQIA+.

**Palavras-chave:** Identidades sexuais; Pós-modernidade; Poder e sexo; Parada do Orgulho Gay de São Paulo.

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade de Santo Amaro (UNISA). E-mail: loboarruda@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7264-9368>

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora da Universidade de Santo Amaro (UNISA). E-mail: pfcoelho@prof.unisa.br ORCID: 0000-0002-1662-1173

<sup>3</sup> Mestre em Ciências Humanas pela Universidade de Santo Amaro (UNISA). Professor da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo. E-mail: vfl2005@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1543-5889>

## POSTMODERNITY AND SEXUAL IDENTITIES: THE PROCESS OF SELF-AFFIRMATION AND APPRECIATION OF THE LGBTQIA+ GROUP

### ABSTRACT

This analysis seeks to contribute to recent approaches to sexual identities, motivated by the exhaustion of traditional homonormative and binary models. The São Paulo Gay Pride Parade is taken as an example of the movement to fight for alternative identities for citizenship. The hypothesis adopted is that, despite the breakdown of traditional paradigms, LGBTQIA+ individuals are still struggling to the affirmation of their rights to citizenship. As general objective, the notions of sexual identities are approached, in the aspects of Hall (2011) and Cuche (1999). As category of specific objectives: (i) to relate sexual identities and power; (ii) verify the historical views of the homosexual subject; (iii) identify the conceptual limits of hetero and self-identity in the lives of homonormative people. The results achieved are in line with the hypothesis raised, showing that, despite a significant advance in the field of rights, social practices continue to discriminate the LGBTQIA+ community.

**Keywords:** Sexual identities; Postmodernity; Power and sex; Sao Paulo Gay Pride Parade.

## PÓS-MODERNIDADE Y IDENTIDADES SEXUALES: EL PROCESO DE AFIRMACIÓN PROPIA Y VALORIZACIÓN DEL GRUPO LGBTQIA+

### RESUMEN

Este análisis busca contribuir a los enfoques recientes sobre las identidades sexuales, motivados por el agotamiento de los modelos heteronormativos y binarios tradicionales. El Desfile del Orgullo Gay de São Paulo se toma como un ejemplo del movimiento que lucha por identidades alternativas para la ciudadanía. La hipótesis adoptada es que, a pesar de la ruptura de paradigmas tradicionales, las personas LGBTQIA+ siguen luchando por hacer valer sus derechos a la igualdad. Como objetivo general se abordan las nociones de identidades sexuales, a la luz de Hall (2011) y Cuche (1999). La categoría de objetivos específicos incluye: (i) relacionar identidades sexuales y poder; (ii) verificar las visiones históricas del sujeto homosexual; (iii) identificar los límites conceptuales de la heteroidentidad y la autoidentidad en las vidas de personas homonormativas. Los resultados alcanzados están en línea con la hipótesis planteada, mostrando que, a pesar de avances significativos en materia de derechos, las prácticas sociales continúan discriminando a la comunidad LGBTQIA+.

**Palabras-clave:** Identidades sexuales; Pós-modernidad; Poder y sexo; Desfile Del Orgulho Gay de São Paulo.

## INTRODUÇÃO

A pós-modernidade elegeu o tema da sexualidade como uma das expressões mais tensas e significativas das mudanças que se verificam nas práticas sociais e no imaginário coletivo, conferindo-lhe um sentido que nos cabe analisar. Para elucidação desse sentido, procuramos investigar as manifestações da sexualidade em suas relações com as mudanças gerais que têm afetado a vida pessoal dos indivíduos, escolhendo, como base empírica desta reflexão, o movimento LGBTQIA+<sup>1</sup>, do qual destacamos a Parada do Orgulho Gay, no Brasil. Nos dias atuais, questionam-se muitas das interpretações do papel da “sexualidade plástica” – a sexualidade liberada da sua ligação intrínseca com a reprodução – ao longo da ordem social e das grandes mudanças ocorridas nas últimas décadas, procurando ver a transformação da intimidade e o papel das mulheres e identidades alternativas na luta pela possibilidade de uma democratização radical da esfera pessoal. Trata-se de uma análise que contempla as áreas da História, Sociologia, Antropologia, Psicanálise e Educação, e que se utiliza, em decorrência, de conceitos relacionados à ideologia de gênero, à regra do falo, ao poder do sexo e à sexualidade plástica.

A questão da sexualidade tem sido classicamente considerada como basicamente privada e de irrelevância pública. Entretanto, contém um componente biológico necessário à continuidade das espécies, o que torna a sexualidade um fator permanente da cultura humana. Na pós-modernidade, o sexo passou ao domínio público e a falar a linguagem da revolução, no sentido de que representa um domínio potencial da liberdade, não corrompido pelos limites da globalização.

Ao falar sobre sexo, somos levados a discorrer por igual sobre o amor e sobre os gêneros masculino e feminino, uma vez que as obras relativas a esse tema tendem a uma separação por gênero. Verifica-se, igualmente, que em algumas das análises mais significativas sobre a sexualidade, de autoria masculina, não existe menção ao amor e os gêneros aparecem nelas de modo apendicular. Na atualidade, marcada pela reivindicação das mulheres à igualdade com os homens, persistem as desigualdades nos domínios econômico ou político, fazendo com que a investigação se debruce sobre a organização binária e heterossexual da sociedade, levando em consideração o campo de combate intenso pela igualdade com os demais setores que, da mesma forma que o feminino, lutam conscientemente por mudanças profundas no campo da liberdade sexual, que dizem respeito “à uma exploração das potencialidades do ‘relacionamento puro’, um relacionamento de igualdade sexual e emocional, explosivo em suas conotações em relação às formas preexistentes do poder do sexo” (Giddens, 1993, p. 10).

A sexualidade plástica deita raízes em fins do século XVIII, quando ocorreu uma diminuição rigorosa do tamanho da família, mas se desenvolveu, posteriormente, como consequência da difusão de novas tecnologias reprodutivas referentes à contracepção moderna. Essa linha pode ser caracterizada como um traço da personalidade vinculada ao eu, que, em princípio, livrou a sexualidade da regra do falo e da importância da experiência masculina. As sociedades modernas engajaram-se em revelações sobre uma história sexual secreta, constituída por buscas sexuais de homens, em separado de suas personas públicas.

---

<sup>1</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais; o sinal + indica outras formas de identidades sexuais.

Nesse contexto, o controle masculino sobre as mulheres começa a falhar, gerando um fluxo crescente da violência masculina sobre as mulheres. A transformação da intimidade humana aparece como exigência constante de negociação transacional de vínculos pessoais que se dá lentamente, mas que se apresenta sob luzes atuais completamente diferentes, na medida em que entretêm uma democratização do domínio interpessoal, compatível com a democracia na esfera pública, abrangendo alteridades pluridimensionais, contidas na fórmula hoje adotada de LGBTQIA+. Nessa linha é preciso verificar que os movimentos de luta por cidadanias plenas possuem implicações adicionais, na medida em que exercem uma influência subversiva sobre a organização da sociedade como um todo. Assim, “as mudanças que atualmente afetam a sexualidade são, na verdade, revolucionárias e muito profundas” (Giddens, 1993, p. 11).

Uma tendência do mundo pós-moderno é apresentar novos valores, costumes e ideologias que, de certa forma, visam a se distanciar de aspectos ligados aos mais tradicionais. À medida que as sociedades vão se transformando, isso fica cada vez mais evidente, com a maior interação cultural advinda dos diversos grupos sociais. Pensar o mundo ocidental desde a segunda metade do século XX até os dias atuais nos remete a levar em consideração as diversas culturas que estão imersas no cotidiano, no íntimo ou nos espaços públicos e permeiam os indivíduos, direcionando suas relações sociais e formas de convívio.

Segundo Hall (2011), a pós-modernidade apresenta características relacionadas à superação de paradigmas que já estavam postos na sociedade, porém não eram evidenciados ou tratados de forma positiva. Tal conceito é uma forma de explicação para a ascensão do debate sobre as novas identidades culturais, dentre elas as diferentes sexualidades, de acordo com as quais o indivíduo tem uma identidade diferente dos demais em sua sociedade. O processo de indicação de outras identidades apresenta-se complexo, uma vez que envolve mudanças estruturais na maneira de conceituar classe, raça, gênero e sexualidade, pondo em discussão parâmetros ideológicos da sociedade patriarcal.

A partir desse ponto de vista, a abordagem se estende a emergências sociais, como a questão das identidades sexuais que estão ganhando destaque nesse contexto. Assim, grupos que durante um longo período foram deixados no ostracismo, agora possuem alguma visibilidade e têm aparecido nos debates políticos, acadêmicos e socioculturais. Nesse painel complexo e amplo, procuramos, como objetivo geral, relacionar os conceitos de hetero-identidade e auto-identidade apresentado por Cuche (1999) com a situação das identidades presentes na sigla LGBTQIA+, utilizando, como exemplo, a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo – festividade que reivindica direitos e ações afirmativas aos indivíduos LGBTQIA+. Para tanto, procuramos discernir aspectos dessa comemoração que possam conectar o discurso dominante com a questão das identidades, na perspectiva de que um elemento influencia diretamente o outro, estendendo-se às relações sociais vivenciadas pelos indivíduos LGBTQIA+, entre eles próprios e com as sociedades inclusivas. Ao analisar identidades alternativas no universo pós-moderno, pretendemos contribuir para o entendimento da longa luta por direitos, que, ao serem de uns são de todos, perfilando-nos nas correntes teóricas que procuram resolver a equação complexa entre identidade e poder.

## METODOLOGIA

A hipótese repressiva, desenvolvida por Foucault em *História da sexualidade*, considera que civilização significa disciplina, o que, por sua vez, implica controle dos impulsos interiores, fazendo com que a vida social se vincule radicalmente ao poder disciplinar, capaz de, supostamente, produzir corpos dóceis, controlados e regulados, repudiando atividades espontâneas e livres de se desenvolver, impulsionadas pelo desejo. O poder aparece como fenômeno mobilizador, que estabelece limites, mas que não anula a produção do prazer. O sexo tornou-se um objeto continuamente discutido e investigado, integrando-se a um grande sermão de pregação ideológica. Assim, a luta pela liberação sexual integra-se ao mesmo mecanismo de poder por ela denunciado. As numerosas perversões, catalogadas por psiquiatras, médicos e outros profissionais, transformaram-se em princípios de classificação da conduta, da personalidade e da autoidentidade individuais, com o objetivo não de acabar com as perversões, mas em lhes atribuir, com a realidade visível e permanente que se implantou nos corpos, modos indignos de conduta. A época moderna, que se prolongou para a contemporânea, aceitou um único tipo de sexualidade como capaz de reproduzir o poder do trabalho e a forma da família, intensificando, antiteticamente, a consolidação das sexualidades periféricas. Por decorrência, as relações de poder vinculadas ao sexo e ao prazer se espalharam e multiplicaram, avaliaram o corpo e penetraram nos modos de conduta pessoais (Foucault, 1988).

A noção e a prática do poder reconstroem-se historicamente por meio das relações sociais, que estão presentes em instituições disciplinares, como escolas, conventos e prisões, nas quais as estruturas de poder internalizam-se nos corações e mentes das pessoas que nelas se encontram. A disciplina é um exemplo do poder sendo exercido, por meio das relações entre dominantes e dominados, na lógica da ideologia capitalista, presente nos corpos subjugados e interconectando identidades à sexualidade (Foucault, 2019).

As noções de hetero-identidade e autoidentidade são entendidas como a forma que determinada identidade cultural se sobrepõe à outra. Assim, a hetero-identidade é tratada como uma cultura e um discurso dominantes, enquanto a auto-identidade advém de grupos sociais que se colocam em oposição a comportamentos hegemônicos. Com esse pressuposto teórico, analisa-se um episódio da luta por uma cidadania plena no Brasil, a chamada *Parada do Orgulho Gay*, procurando contribuir para o entendimento de um discurso de longa duração, nos tempos da conjuntura e do fato social. A conjuntura é focalizada na luta pela cidadania, travada por mulheres e gays, durante o século passado; o fato, na organização das paradas gays, que apresentam publicamente suas reivindicações, de forma taticamente estridente, movendo e comovendo sentimentos contra a imposição de comportamentos advindos do poder e não do desejo. O drama individual e coletivo de milhões de pessoas, submetidas a castigos corporais, psicológicos e morais, é lembrado à luz de pensadores que se detiveram sobre o tema, especialmente após a Revolução Sexual dos anos 1960-70. Com esse procedimento, é possível acompanhar estratégias arquitetadas e levadas a efeito por grupos historicamente estigmatizados. Tendo em vista esse pressuposto, este estudo se divide bem dois momentos. O primeiro deles destina-se a relatar criticamente os conceitos sobre diversidade sexual. O segundo discute identidades e poder relacionados à *Parada do Orgulho Gay*, tratando os conceitos de hetero-identidade e autoidentidade nas linhas

de Cuche (1999) e Hall (2011), em sua aplicação no estudo de caso representado por um acontecimento primordial do movimento de luta de LGBTQIA+ – A Parada do Orgulho LGBT – que procura, em seu percurso histórico, recuperar o orgulho identitário à luz dos direitos universais, da alteridade e complexidade da sociedade pós-moderna.

## IDENTIDADES SEXUAIS E PODER NO OCIDENTE

O Ocidente costuma imputar as dificuldades particulares existentes hoje no plano sexual a heranças de uma moral cristã tradicional. Porém, embora essa herança nos aprisione e não possa ser ignorada, as identidades sexuais alternativas se têm apresentado como contestadoras dessa herança, mantendo, não obstante, a consciência do poder das sobrevivências do passado coletivo em nossa cultura. Quando o passado nos invade através de temas que indicam caminhos de compreensão marcados pela história, linguagem, literatura, moral e direito, como no caso da sexualidade, a sua análise pode ter uma função terapêutica, podendo decifrar a lógica das relações que existiam e que persistem em nossos dias, possibilitando reapreciar nosso sistema de valores e suplantar dificuldades hodiernas.

Há séculos que o amor é o tema favorito de poetas e de romancistas – portanto, provavelmente, de seu público – mas os conceitos de amor, de condutas amorosas e de outros temas relacionados a identidades transgressivas necessitam de estudos mais aprofundados, que possam mostrar as mudanças sensíveis na representação do amor e na atitude da sociedade em relação ao tema, procurando entender como o estatuto do amor tornou-se mais diversificado e menos complexo do que no passado.

Para a antiga moral cristã, a sexualidade nos foi dada tão somente para procriar e seria perverter a obra de Deus servir-se dela para outros motivos. Os patriarcas se regozijavam com a multiplicação de seus filhos, tanto quanto a de seus rebanhos. Na contemporaneidade, os filhos são vistos como um fardo, alguma coisa que restringe a liberdade, a riqueza e não aumenta o poder de seus pais. O sentido de responsabilidade para com a criança parece ter crescido da Idade Média aos nossos dias. O acesso à interioridade do sujeito parece irremediavelmente aberta à cultura em que ele vive, uma vez que nossos impulsos não se realizam fora das formas características de uma cultura determinada. Só temos percepções de sentimentos quanto estão encerrados em palavras e imagens que as culturas nos oferecem.

A linguagem sobre o sexo, além de se ter estendido da intimidade ao domínio público, é hoje uma das esperanças na revolução, que “têm conduzido à reflexão sobre a sexualidade muitos pensadores, para os quais ela representa um reino potencial da liberdade, não maculado pelos limites da civilização atual (Giddens, 1993, p. 9).

Dessa óptica, pretendemos apresentar noções relativas à sexualidade nos quadros da *Parada do Orgulho Gay*, conscientes de que atitudes isoladas ou tomadas em conjunto pelos LGBTQIA+ apresentam-se irreduzíveis a comportamentos binários e heterossexuais, que circulam em nossa cultura atual. Sobre o domínio que escolhemos, pesam interditos sociais, mais ou menos constrangedores para o quadro de expressão. Como pressuposto teórico, tomamos a ideia de que esses interditos, embora vistos como menos pesados, muitas vezes se encontram fortalecidos na atualidade (Flandrin, 198, p. 29).



A evolução do comportamento sexual é analisada em níveis diferentes, mas comporta problemas que não podem ser ignorados sobre a reprodução sexuada, a começar pela questão de saber por que ela existe, uma vez que, do ponto de vista teórico, a concorrência entre organismos de reprodução sexuada e organismos de reprodução assexuada seria resolvida em proveito dos últimos. A conclusão indicada por Robin Fox é que o aumento da variação genética, a única vantagem da reprodução sexuada, deve ter sido, em certas circunstâncias, de tal forma considerável que acabou por se tornar dominante como estratégia evolucionária estável, implicando determinadas condições, dentre as quais que “os dois sexos devem ter contatos suficientes para trocarem entre si o material genético” (Fox, 1985, p. 10).

Na esfera puramente biológica, a sexualidade humana corresponde à “de um mamífero onívoro, de grande porte, dotado de um grande cérebro, caracterizado por um dimorfismo sexual moderado, suscetível de se reproduzir ao longo de todo o ano, em um ritmo lento” (Fox, 1985, p. 10). Esses são os limites mínimos que definem o espaço em que se produzirão as variações sexuais, contaminadas, inexoravelmente, por categorias culturais de universalidade problemática.

Nessa plataforma primacial, a seleção sexual figura como uma variante da seleção natural, mas se projetou na cultura humana com intensidade extrema, ligada fundamentalmente ao poder no Ocidente, de raízes judaico-cristãs. A homossexualidade, em especial, ficou no centro das normas de comportamento, criando interditos severos contra homossexuais – em princípio, visando aos homens. A Antiguidade pagã, embora encarasse de forma diversa a homossexualidade, não a via como um problema separado de normas gerais da sociedade. A homofilia era reprovada no âmbito geral da frequência de cortesãs e das ligações extraconjugais, ao menos quando se tratava de homossexualidade ativa. O homem livre poderia penetrar seu escravo, mas era “monstruoso, da parte de um cidadão, ter complacências servilmente passivas” (Veyne, 1985, p. 39).

Com a ascensão do cristianismo, valores religiosos condicionaram costumes homofílicos como abominações, na configuração de uma nova sociedade, na qual o controle dos corpos e da produtividade transformou-se na pauta ideológica da sociedade capitalista, do mercantilismo ao pós-liberalismo da atualidade. Com a Revolução Industrial da segunda metade do século XVIII, o processo de alienação do homem do produto de seu trabalho e a reificação das relações sociais se exacerbaram:

[...] os mecanismos de poder não são uma invenção dos séculos XVIII e XIX, no entanto, é nessa época que se desenvolve toda uma nova tecnologia dos poderes que tem como alvo não mais a terra e seus produtos, mas o indivíduo, não apenas sua mente, mas sobretudo, seu corpo e o uso que faz dele. Trata-se de uma tentativa de extrair seu máximo desempenho produtivo [...] é sobre o corpo que se instaura um “regime de verdade e um exercício de poder. É a partir desse período que se torna necessário vigiá-lo e discipliná-lo, numa tentativa de adequá-los aos “riscos” da modernidade (Carneiro, 2013, p. 9).

Nessa linha ideológica, o sexo se torna também um objeto de controle, e como questões matrimoniais e práticas reprodutivas eram valorizadas e associadas a ideais cristãos, as práticas sexuais com indivíduos do mesmo sexo novamente foram condenadas, fazendo surgir, em decorrência, a figura do “homossexual” propriamente dito, carregando o estigma relativo à perversão e à imoralidade.

No Brasil contemporâneo, a partir da segunda metade do século XX, o tratamento supremacista patriarcal perdurou, discriminando severamente as pessoas que fugissem a padrões sexuais conservadores e dificultando a construção de identidades LGBTQIA+ e a prática livre de suas opções de sexualidade. Macrae (2018) aponta que os espaços frequentados por esses indivíduos, durante as décadas de 1960 e 1970, eram selecionados em alguns bares, discotecas e parques, locais em que podiam ser quem realmente eram. Na sociedade inclusiva, os homonormativos viam-se obrigados a viver identidades secretas, mesmo no recesso de seus lares, encerrando-se em “armários” ideologicamente determinados.

Nos dias atuais, a busca por uma sexualidade livre tem-se conectado à reivindicação feminina pela igualdade com os homens, organizada em um movimento pioneiro em mudanças de profunda e ampla importância, que dizem respeito “a uma exploração das potencialidades do ‘relacionamento puro’, um relacionamento de igualdade sexual e emocional, explosivo em suas conotações em relação às formas preexistentes do poder do sexo” (Giddens, 1993, p. 10). O controle masculino da sexualidade começa a falhar, revelando o seu caráter compulsivo e esse declínio também ocasiona “um fluxo crescente da violência masculina sobre as mulheres”, não se sabendo afirmar quando o abismo emocional entre os sexos poderá ser transposto (Giddens, 1993, p. 11).

## **PÓS-MODERNIDADE E FRAGMENTAÇÃO DO MODELO HETERONORMATIVO**

A partir da segunda metade do século XX, estruturas solidificadas nas sociedades passam por transformações advindas de novas demandas de movimentos sociais que estavam ganhando espaço e visibilidade naquele contexto. Dentre eles, gênero e sexualidade estavam sendo colocados em debate, começando pelos estudos feministas que questionavam o papel da mulher em relação ao homem. Nos anos 1980, com a epidemia da AIDS<sup>2</sup> foram intensificados os estereótipos e preconceitos em relação ao homossexual, pois, incluindo as mídias, a doença se vinculava aos gays. Passados os anos atroz da “peste gay”, com o aparecimento de antídotos, terapias eficazes e a constatação científica de que a AIDS atingia a todos os estratos da população, os homossexuais retomaram a luta pela criação de uma identidade que lhes foi, de certa forma negada, por padrões ideológicos que deturpavam as suas escolhas sexuais, vendo-as como pecados, vícios ou crimes. De fato, embora a sociedade pós-moderna tenha aceito teórica e legalmente a multiplicidade cultural, a realidade continuava longe dos direitos alcançados por grupos homossexuais, com o conseqüente apagamento de sujeitos e histórias. Porém, apesar dos empecilhos, movimentos sociais, criação de grupos e demandas populares foram se organizando e aos poucos conseguindo desenvolver melhorias para a comunidade periférica ao modelo binário heterossexual. Após ter sido por longo tempo ignorado, fora de limites pré-determinados pela sociedade exterior, o universo sexualmente alternativo saiu lentamente das sombras em que estava mergulhado, fazendo ouvir a sua voz. Tal processo refletiu-se na produção científica, aumentando o ritmo de publicações e os interesses por um tema de vital importância para o mundo todo.

De início, o agente mais ativo da contestação ao preconceito contra o regime patriarcal não foi formado pelos homossexuais, mas pelas mulheres, que denunciaram a brutalidade do império dos machos, que fazia delas seres inferiores. Mas, a partir das últimas décadas do século passado, vanguardas do

<sup>2</sup> Sigla em inglês, usada comumente em lugar de “Sida” – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

movimento gay empenharam-se em valorizar a própria identidade, rejeitando as ideias que faziam deles “criminosos”, “desviantes” ou “doentes”, a ser tratados ou eliminados da vida social. A valorização de identidades alternativas, as LGBTQIA+, tornou-se o centro do discurso de grupos que passaram a proclamar o direito a uma cidadania plena, não apenas na letra da lei, mas nas diversas estruturas e práticas sociais. As reivindicações políticas aparecem como um epifenômeno dessa contestação, trazendo à boca de cena atores que se mantinham, por princípio de preservação, invisíveis ou obscuros na ordem social.

Hall (2011), em seu estudo, retrata a crise das identidades sexuais, como um capítulo necessário para a compreensão do sujeito pós-moderno: uma pessoa em transformação, sob a influência da diversidade cultural com a qual está em contato:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 2011, p. 7).

As estruturas da sociedade ocidental encontram-se ancoradas em ideais heteronormativos, seguindo padrões europeus que valorizam a figura do homem branco em relação aos demais. O questionamento dessa ideia gerou o abalo da identidade binária e heterossexual, formada por padrões monistas pré-estabelecidos.

Bauman (2001), apesar de não se utilizar do termo pós-modernidade, discorre sobre a plasticidade presente na sociedade, utilizando a noção de “modernidade fluida”. De acordo com o seu pensamento, a modernidade apresenta um cenário de desintegração de antigos paradigmas da condição humana, por meio de transformações profundas que ocorreram nos campos da emancipação, da individualidade e do tempo/espaço. Assim, a noção de fluidez, por ele tratada, permite que o olhar se direcione para a maneira como as identidades se transformam e se têm transformado, não como meros frutos do tradicionalismo, mas pelo dinamismo social democrático, que abrange a diversidade do homem no campo da igualdade, liberdade e fraternidade. A tentativa de superar mentalidades tradicionais e conservadoras marca “a própria emergência das modernas sociedades ocidentais e trazem consigo a produção das diferenças de gênero, sexualidade e raça, tal qual as conhecemos e vivemos” (Facchini, 2018, p. 314).

Cuche (1999), pautado no antropólogo Fredrik Barth, que provocou enorme influência nas ciências sociais com a sua teoria de fronteiras, considera a identidade como um elemento cultural em construção nas zonas fronteiriças, ocupadas por grupos oponentes entre si. Mediante a troca de experiências, valores culturais são colocados em evidência para afirmar as diferenças desses mesmos grupos, modificando as suas identidades originárias e fazendo aparecer novas identidades, subordinadas a critérios de “mestiçagem” conceitual. Como bem cultural, a ideia de identidade está presente nas trocas sociais como um processo consciente, uma vez que o indivíduo tem noção da multirreferencialidade

que reveste a sua personalidade, no público ou no privado. Com efeito, os conceitos mais amplos de identidade desdobram-se em microidentidades, como acontece, por exemplo, quanto ao gênero, classe social, sexualidade, etnia, faixa etária, nacionalidade, que identificam o indivíduo e gerenciam as visões sociais que existem sobre ele.

A liberalização sexual dos últimos 50 anos provocou uma explosão discursiva a respeito do tema e a reformulações radicais da imagem da homossexualidade, ocasionando conflitos entre correntes divergentes e polarizadas quanto a hipóteses adotadas. Há teorias que consideram a homossexualidade como norma absoluta da anormalidade, avaliando os comportamentos não heterossexuais como desvios ou perversões, ao lado de outras que tratam todas as manifestações sexuais no mesmo nível. As primeiras, que vigoraram no passado ao abrigo das leis, viam comportamentos hemofílicos como desvios/perversões; as segundas, viam esses mesmos comportamentos como vias diferentes para a satisfação sexual. Até os anos de 1960, a classificação psiquiátrica da homossexualidade como perversão, estabelecida no final do século XIX, conservou a sua força social. Em 1974, a Associação Psiquiátrica Americana passou a não considerar a homossexualidade como uma perturbação mental, vindo a marcar simbolicamente uma reviravolta nas relações antinômicas entre as diferentes teorias da sexualidade. No entanto, essa mudança favoreceu uma visão que “naturalizou” a homossexualidade, demonstrando que seus autores tiveram mais coragem política do que espírito inovador (Pollak, 1985, p. 54).

Da perspectiva política, a visão naturalizada da homossexualidade indicava, em geral, uma posição política liberal que reduzia os efeitos jurídicos da discriminação social dos homossexuais. Idealizada como um combate contra o Código Penal, essa situação, ao naturalizar a questão, atribuía aos homossexuais traços fisiológicos femininos que exprimiriam a base biológica de um “terceiro sexo”, de uma psicologia diferente. Essa categoria analítica tornou possível a reconstrução de clichês, imagens caricaturais e estereótipos encontrados na linguagem sobre a homossexualidade (Pollak, 1985, p. 54).

Mais duas décadas se passaram para que nova explicação abandonasse o problema da classificação, deslocando a problemática para o entendimento do estilo de vida dos homossexuais, com o objetivo de contribuir para a melhoria de sua condição social. A explicação para essa nova postura pode ser procurada no caráter do modelo de vida dos homossexuais, no momento de liberalização geral dos costumes, inserindo-se no movimento tendencial de autonomia e de racionalização da sexualidade e permitindo a mensuração de práticas sexuais, com base em uma “contabilidade do prazer que tem como unidade de base o orgasmo” (Pollak, 1985, p. 57).

### **TÁTICAS DE LUTA POR DIREITOS UNIVERSAIS: A PARADA DO ORGULHO LGBTQIA +**

Apenas no final dos anos 1970, quando a abertura política no Brasil se iniciava, é possível observar um progresso no movimento gay, com a criação do jornal *O Lâmpião da Esquina*, na cidade do Rio de Janeiro, escrito e editado por intelectuais e artistas homossexuais. O periódico circulou nas bancas do país inteiro e “abordava sistematicamente aspectos políticos, existenciais e culturais da homossexualidade de forma positiva” (Macrae, 2018, p. 43), reforçando a ideia de valorização da identidade de grupo, além de contestar padrões hegemônicos da sociedade inclusiva.

Esse periódico teve um grande impacto na cultura gay, vindo a favorecer, de forma indireta, a formação de novos grupos, dentre os quais se alinhava o *SOMOS: Grupo de Afirmação Homossexual*, constituído por elementos provindos da classe média universitária, artistas e profissionais liberais, que se reuniam na Universidade de São Paulo para debaterem problemas relacionados à situação dos homossexuais. Desses debates, aos poucos se foi construindo a identificação positiva dos indivíduos que não viviam a regra da heteronormalidade, lutando por um estilo de vida que correspondesse aos seus desejos e não a uma lógica social ultrapassada. A conscientização operada por essas discussões espelha-se em mudanças da própria sigla do movimento, em princípio designado por GLS<sup>3</sup>. Em seguida, com a consciência de que as discussões sobre gênero e visibilidade social favoreciam o homossexual masculino, dando-lhe um destaque maior do que o atribuído às homossexuais femininas, resolveu-se incluir a letra L (referente às “Lésbicas”) no começo da sigla. Por fim, a diversidade identitária se fez valer, com a inclusão de bissexuais, transexuais, travestis, queers, pansexuais e outros grupos, abrigados no mesmo movimento, sob nova sigla: LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo e Assexuais).

O movimento assumiu a agenda acima, que envolve grupos de extrema diversidade, a fim de garantir a cidadania plena a todos os seus membros, combatendo a marginalização sistemática e estrutural que atingia os indivíduos que não correspondessem ao modelo patriarcal, cuja “opressão compartilhada” acabou por criar fortes elos identitários no universo LGBTQIA+:

[...] a construção dessa comunidade igualitária não se dá por causa da posse de atributos positivos comuns, mas sim através de uma “falta”, carência ou opressão compartilhada. Isso contribui para que a comunidade seja percebida como uma experiência de igualdade e que se procure deixar de lado as diferenças que venham existir entre os participantes [...] (Macrae, 2018, p. 53).

A sexualidade, como parte inalienável da criatura humana, manifesta-se de formas diversas, de acordo com desejos compartilhados no âmbito de grupos alternativos e, destes, com o universo de relações que é a sociedade. As práticas sexuais integram e dão sentido ao autoconhecimento do “eu”, em suas relações com o “outro” e nos caminhos escolhidos em busca da felicidade. Temática que se destaca na pós-modernidade, abrindo caminhos para a liberdade e solidariedade entre as pessoas, com a criação de paradigmas emergentes, que evidenciam a conquista de direitos aproximadamente universais.

O Dia Internacional do Orgulho Gay deita raízes em 28 de junho de 1969, que se tornou a data comemorativa da luta universal por direitos, em homenagem e memória da rebelião de frequentadores do *Stonewall Inn*, bar localizado na cidade de Nova Iorque, dirigida contra as batidas policiais sistemáticas e atitudes homofóbicas que os escolhiam como alvo. Essa comemoração se espalhou para os mais diversos países do Ocidente, ressoando mesmo em outros quadrantes da Terra. Ela tem, como centro, a Parada do Orgulho LGBTQIA+, organizada com o objetivo principal de conscientizar a sociedade sobre a exigência do combate à homofobia, para se chegar a uma sociedade democrática e igualitária para todos os seus integrantes, independentemente do sexo/gênero ao qual pertençam ou se identifiquem. Nessa linha, como o título explicita, reforça-se a ideia de que todos os gays, lésbicas, bissexuais

<sup>3</sup> Gays, Lésbicas e Simpatizantes.

e membros de outros grupos de sexualidade alternativa devem se orgulhar de suas orientações sexuais. Como regra, a comunidade LGBTQIA+ e simpatizantes do movimento organizam festas e desfiles pelas ruas das grandes cidades, a fim de celebrar o amor e a igualdade entre todos os gêneros. Em algumas cidades, como a de São Paulo, a Parada do Orgulho Gay, chega a reunir, em um gigantesco desfile, milhões de pessoas, desde o seu início, em 1970, logo no ano seguinte à rebelião de Stonewall Inn. A estratégia política, de substituir os protestos por festividades, tem sido de enorme eficácia para a conquista dos direitos dos homossexuais em todo o mundo.

Desde 1997, a Parada do Orgulho LGBTQIA+ de São Paulo transcorre na Avenida Paulista, vindo a se constituir, nas edições seguintes, no evento que mais atrai turistas à cidade, perdendo, em âmbito nacional, apenas para o Carnaval do Rio. O crescimento de participantes, na história da parada, mostra o sucesso do combate contra a discriminação, cuja trajetória vale a pena lembrar.

Em sua primeira edição na Avenida Paulista, no dia 28 de junho de 1997, a Parada do Orgulho Gay reuniu cerca de 2 mil pessoas, sob o tema “Somos muitos, estamos em várias profissões”. Em 1999, a ONG<sup>4</sup> APOGLBT<sup>5</sup>, responsável pelo evento, alterou o seu nome para Parada do Orgulho GLBT<sup>6</sup>. Em 2008, essa mesma ONG determinou nova mudança na sigla, invertendo a ordem das duas primeiras letras, com o objetivo de conferir maior visibilidade às lésbicas no movimento e também de padronizar o nome do movimento de acordo com o uso em outros países. Foi assim que surgiu o título de Parada do Orgulho LGBTQIA+, considerada uma das maiores manifestações do mundo inteiro. A edição de 2011 reuniu quatro milhões de pessoas, chegando ao maior número da história da parada.

Em resumo, um evento que reuniu cerca de 150 pessoas na Praça Roosevelt, em 1996 – homossexuais masculinos e femininos, *drags* e militantes em geral –, mobilizadas pelo ideal comum de resistência à homofobia, constituiu o primeiro passo para organizar um encontro maior, em 1997 e nos anos seguintes. A comemoração acabou por adquirir a característica de passeata, exibindo suas cores pela Avenida Paulista, em ampla confraternização dos LGBTQIA+ com membros externos, pertencentes a grupos políticos de esquerda, liberais ou simplesmente simpatizantes da causa. Todos passaram a marchar, alçando a bandeira do arco-íris, sob lemas variados, que remetem às lutas históricas, às conquistas, aos direitos humanos e à abolição de práticas de preconceito. Desde 1997 a Parada do Orgulho LGBTQIA+ se inseriu no calendário da cidade de São Paulo, unindo pessoas de todos os lugares, gêneros, classes e orientação sexual. Portanto, a parada é aberta para todo tipo de público, o que a diferencia de outras realizadas no exterior que são restritas ao público específico por ela visado. No Brasil, “por não haver divisão entre atores e espectadores, há uma liberdade de manipulação de uma série de signos verbais e não verbais que permitem a criação de personagens que subvertem a ordem (Camargos, 2018, p. 429). A parada proporciona uma quebra dos padrões sociais estabelecidos, pois todos que nela estão conseguem esbanjar liberdade, não havendo hierarquias. Os corpos podem ser exibidos e não há problema em beijar o namorado do mesmo sexo em público – algo que é considerado imoral na rotina diária. Nessa vertente, o evento carrega consigo a característica de valorização do indivíduo e reforça a ideia

<sup>4</sup> Organização Não Governamental.

<sup>5</sup> Associação da Parada do Orgulho GLBT.

<sup>6</sup> Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transgêneros.

de pertencimento à determinada identidade sexual. Ideia que se relaciona aos conceitos de identidade nacional e também de microidentidades, trabalhados por Hall (2011). A identidade nacional é reconhecida no sentimento de pertencimento à determinada nação, por meio de uma estratégia política pela qual as pessoas sintam afinidades com uma história heroica de figuras destacadas por ações meritorias, dedicação à pátria, orgulho do povo, território, língua e símbolos diversos (bandeira, hino, etc.). As microidentidades são representadas pelo pertencimento a grupos que não fazem parte da cultura dominante, levando à utilização do termo “micro”. No condizente à parada, o emprego de microidentidade se justifica, uma vez que essa comemoração é fruto de um grupo marginalizado; portanto, por mais grandiosa, lucrativa e representativa que seja, tal festividade ainda se encontra rodeada por tabus e preconceitos. Nesse quadro, os esclarecimentos prestados por Cuche nas relações recíprocas de domínio e/ou subordinação que os conceitos de hetero e autoidentidade mantêm entre si, merecem ser reproduzidos:

A auto-identidade terá maior ou menor legitimidade que a hetero-identidade, dependendo da situação relacional, isto é, em particular, da relação de força entre os grupos de contato – que pode ser uma relação de forças simbólicas. Em uma situação de dominação caracterizada, a hetero-identidade se traduz pela estigmatização de grupos minoritários (Cuche, 1999, p. 184).

Nessa linha interpretativa, a hetero-identidade consegue impor suas próprias definições sobre si mesma e os outros (Cuche, 1999, p. 1986). Em outras palavras, tem o poder de delimitar o local de cada um e a maneira como será tratado pela sociedade, podendo, em consequência, trazer uma conotação negativa da parada aqui estudada. Por conseguinte, apesar de toda visibilidade e simbologia da festividade em si, ainda há indícios da segregação heterossexual sobre os homonormativos. Nesse contexto simbólico, as microidentidades não se revelam passivas às condições de sujeição e aviltamento que lhes são dirigidas. Pelo contrário, estratégias de resistência são utilizadas diariamente, como a do orgulho identitário, a fim de se aceitarem como são – sujeitos de cidadania plena – na alteridade oposta ao modelo unitário proposto por um passado ultrapassado. O combate inscrito na Parada do Orgulho LGBTQIA+ é travado em prol de toda a humanidade, extravasando de muito os limites de práticas sexuais alternativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pós-modernidade possibilitou uma série de transformações, que afetaram diretamente os eixos estruturantes da sociedade ocidental, como no exemplo da heteronormatividade e binarismo de gênero, que estigmatizou grupos homossexuais, em sua diversidade e pluralidade, mas também as mulheres, consideradas, tais como os anteriores, como homens que não deram certo, isto é, o sexo frágil. As exclusões se exerceram a fim de conservar o poder nas mãos masculinas, com a subjugação histórica de identidades não binárias ou homossexuais. A Igreja e o Estado se uniram para justificar o exercício do sexo tendo em vista a procriação: de soldados e trabalhadores para os fins laicos; de almas para o altar. A longa estrada trilhada pelos indivíduos, cujo desempenho sexual os reduziu à situação de criminosos, pecadores ou doentes, modificou-se na medida em que a biologia e, especialmente, as ciências humanas e sociais alcançaram progressos no campo do conhecimento sobre práticas sexuais individuais e coletivas, fazendo com que multidões de “párias” sociais se organizassem em movimentos de combate a preconceitos, que minavam o campo da diversidade sexual, mascarando o reconhecimento de iden-

tidades alternativas. A crise das identidades, proposta por Hall (entre outros pensadores) lança novo olhar para o sujeito pós-moderno, em constante transformação e trocas culturais na sociedade pós-moderna, indo ao encontro da análise de Cuche sobre microidentidades, grupos que, embora minoritários, buscam a afirmação de suas identidades, em oposição aos setores dominantes. Os objetivos de relacionar identidade e poder se confirmam no quadro teórico e nas práticas sociais, uma vez que a diversidade sexual faz parte das microidentidades, possibilitando ao indivíduo escolher caminhos para chegar à felicidade, adequando a sua libido às práticas sexuais de sua preferência. A investigação sobre as identidades LGBTQIA+, concentrada na Parada do Orgulho Gay, demonstra que o movimento para recuperar o orgulho identitário comporta uma bagagem de sentimentos, experiências, vontades e significados pelos quais os indivíduos se identificam ao grupo definido por uma sigla multirreferencial. A Parada do Orgulho LGBTQIA+, ao longo dos anos, fortaleceu-se e se fixou como o evento mais significativo da cidade de São Paulo, no campo das lutas para se chegar a uma sociedade democrática, livre e soberana para todos, tomados em sua pluralidade e diversidade. Nas datas comemorativas, a parada expressa, em sua materialidade e seu dinamismo, as relações entre hetero e autoidentidade, pois, apesar de ser um evento destinado a um grupo minoritário, consegue se caracterizar uma comemoração festiva, que acolhe todos os sujeitos, com o mesmo respeito e alegria. Ao final da celebração, entretanto, heteros e homoidentidades retomam seus papéis sociais, confirmando a hipótese de que, embora a diversidade cultural seja um valor reconhecido como altamente positivo na cultura contemporânea, o gozo de uma cidadania plena por grupos excluídos continua dependente de uma luta sistemática pela afirmação das identidades LGBTQIA+, em sua integralidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bauman, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- Camargos, Moacir Lopes de. O surgimento da parada LGBT no Brasil. In: Green, James N.; Quinalha, Renan; Caetano, Marcio; Fernandes, Marisa (Orgs.). *História do movimento LGBT no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018, p. 421- 434.
- Carneiro, Ailton José dos Santos. A fabricação do homossexual: história, verdade e poder. In: *VI Encontro estadual de história*, Bahia. 2013.
- Cuche, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- Facchini, Regina. Múltiplas identidades, diferentes enquadramentos e visibilidades: um olhar para os 40 anos do movimento LGBT. In: Green, James N.; Quinalha, Renan; Caetano, Marcio; Fernandes, Marisa (Orgs.). *História do movimento LGBT no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018, p. 311-330.
- Flandrin, Jean-Louis. *Le sexe et l'ocident: évolution des attitudes et des comportements*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.
- Foucault, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- Fox, Robin. As condições da evolução sexual. In: ARIÈS, Philippe e BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- Giddens, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.



Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed., 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

Mcrae, Edward. Identidades homossexuais e movimentos sociais urbanos no Brasil da “Abertura”. In: Green, James N; Quinalha, Renan; Caetano, Marcio; Fernandes, Marisa (Orgs.). *História do movimento LGBT no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018, p. 39-62.

Pollak, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: Ariès, Philippe e Béjin, André (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

Veyne, Paul. A homossexualidade em Roma. In: Ariès, Philippe e Béjin, André (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

